

PERCEPÇÕES DE PEDAGOGOS PRETOS E PARDOS SOBRE IDENTIDADE RACIAL NO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO

*PERCEPTIONS OF BLACK AND BLACK PEDAGOGUES ON RACIAL IDENTITY IN THE
INTERIOR OF ESPÍRITO SANTO*

FREITAS, Joana Lúcia Alexandre de¹; SOUZA, Lavínia Francelino de²; CASTRO,
Lorrayne de Jesus dos Santos³

¹Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde-Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil; ²Pedagoga pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares – FACELI; ³Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Ensino Superior de Linhares – FACELI.

joana.freitas@acad.ufsm.br

Resumo: O racismo está presente em diferentes aspectos da sociedade brasileira, de brincadeiras e ditos populares a representações estereotipadas na mídia. Portanto, este artigo visa analisar as percepções de universitários negros acerca de racismo, identidade racial e empoderamento negro. A pesquisa ocorreu no curso de Pedagogia de uma universidade pública no interior do Espírito Santo, sendo realizada uma pesquisa de opinião por meio de questionário *online* e observação de participante. Dentre os resultados, destaca-se que a maioria do grupo analisado não soube fundamentar os conceitos de racismo, identidade racial e empoderamento negro e também não conheciam o teor das leis 10.639/03 e 11.645/08 da constituição brasileira. Ademais, muitos acadêmicos demonstram baixa autoestima e falta de autoconfiança, fatores que dificultam o desenvolvimento da identidade racial e conseqüentemente do empoderamento negro. Perante os dados estabeleceu-se diálogos relevantes para possíveis intervenções no curso que podem servir para outras licenciaturas.

Palavras-chave: Identidade racial; Racismo; Empoderamento negro.

Abstract: Racism is present in different aspects of Brazilian society, from jokes and popular sayings to stereotyped representations in the media. Therefore, this article aims to analyze the perceptions of black university students about racism, racial identity and black empowerment. The research took place in the Pedagogy course of a public university in the interior of Espírito Santo, with an opinion poll being carried out through an online questionnaire and participant observation. Among the results, it is highlighted that the majority of the analyzed group did not know how to base the concepts of racism, racial identity and black empowerment and also did not know the content of laws 10639/03 and 11645/08 of the Brazilian constitution. In addition, many academics demonstrate low self-esteem and lack of self-confidence, factors that hinder the development of racial identity and, consequently, black empowerment. In view of the data, relevant dialogues were established for possible interventions in the course that may serve for other degrees.

Keywords: Racial identity; Racism; Black empowerment.

INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho dá-se em função de questões particulares das pesquisadoras, que são pretas, em construção de identidade cultural negra, que se perguntam até que ponto o curso de Pedagogia de uma faculdade pública, do interior do Estado brasileiro

Espírito Santo (ES), tem corroborado para o empoderamento negro. Entretanto, as pesquisas não se limitam a debates subjetivos, pelo contrário, avançam no sentido de entender como as questões étnico-raciais atravessam a coletividade de parte dos estudantes negros da Faculdade de Ensino Superior de um município do Espírito Santo.

No Brasil, o racismo, embora velado, está em todos os lugares, pois é historicamente e estruturalmente naturalizado. Nas palavras de Almeida (2020, p.55): “[...] por ser processo estrutural, o racismo é também processo histórico [...]”. Assim, dizer que negros têm as mesmas oportunidades que a etnia caucasiana e que cada pessoa é afetada por suas escolhas individuais, tendo a condição racial nada a ver com a situação socioeconômica, é uma fala “veladamente racista, e afirma, ainda que indiretamente, que pessoas negras são culpadas pelas próprias mazelas” (ALMEIDA, 2020, p.6).

Embora o racismo esteja enraizado na sociedade, contraditoriamente, muitos pretos e pardos alegam que nunca foram vítimas de racismo. Por isso, tem-se, neste estudo, o objetivo de analisar as percepções de estudantes universitários negros em relação a racismo, identidade racial e empoderamento negro. A pesquisa justifica-se, pois, entender essas questões é de suma importância para compreender a discriminação racial ocorrida nas relações concretas que aparecem à consciência como algo totalmente *normal e banal* (ALMEIDA, 2020). Ademais, ser negro empoderado é um pressuposto para coibir atos racistas na sociedade e para desenvolver práticas de ensino decoloniais, como afirmou Hooks (2017).

O conhecimento que o indivíduo tem de si, segundo o conhecimento sociológico apresentado por Hall (2006), representa a cumplicidade gradativa do mundo moderno e a consciência de que a essência interior do sujeito não é autônoma nem autossuficiente, mas é formada na relação com *outras pessoas importantes para ele*, determinando valores, sentidos, símbolos e cultura de um mundo no qual se está inserido. “A identidade segundo essa concepção é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade [...]” (HALL, 2006, p.11).

A identidade é formada e transformada constantemente em relação às formas pelas quais o indivíduo é representado ou questionado pelos sistemas culturais que o rodeiam (HALL, 1987). Sendo assim, tem-se uma ideia de que a identidade racial é construída por meio de vivências e conhecimentos da história afro-brasileira, e, conseqüentemente, a leitura e o entendimento de questões étnico raciais levam a descoberta de como o racismo opera na sociedade.

Alguns pretos e pardos não são empoderados. De acordo com Souza (2021), muitas vezes não aceitam seu fenótipo ou não gostam de si, não pela sua aparência, mas pela carga de preconceitos sofridos que atravessou gerações. Os preconceitos seguidamente enfrentados fazem com que se acredite, inconscientemente, que as inseguranças trazidas desde a infância se dão por causa da tez, dos cabelos e dos caracteres negros, causando sentimento de culpa ou de revolta, levando o indivíduo a acreditar que não é merecedor de coisas, lugares e status que muitas vezes são ocupados por brancos.

Portanto, faz-se necessário que pedagogos e demais educadores tomem posse desses conhecimentos para auxiliar na superação do trauma causado pelo racismo, bem como minimizar ações racistas em seu entorno para que cada vez mais pretos e pardos desenvolvam empoderamento negro e identidade racial ocupando espaços de poder que lhe são de direito, assim como de qualquer outra etnia brasileira.

Percepções acerca do racismo

Para compreender melhor a concepção do racismo, é importante falar, mesmo que brevemente, sobre o que é o racismo e quais são seus tipos. Segundo Almeida (2020), o racismo

é definido com um processo histórico e político em que se atribui vantagens sociais a certos grupos e desvantagens a outros: “Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2020, p.22).

Diante das diferentes concepções de racismo, neste artigo, será discorrido brevemente sobre alguns. A saber: o *racismo individual* é dado como uma *anomalia traduzida* em um acontecimento ético ou psicológico, de índole individual ou coletiva, por um indivíduo isolado. “Sob este ângulo, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (ALMEIDA, 2020, p.36). Portanto, na concepção individual, o racismo, mesmo que ocorra de maneira indireta, revela-se na forma de discriminação direta.

O *racismo institucional* não se dá por comportamentos individuais, pois é exercido por pessoas que representam instituições, que passam a impor vantagens e desvantagens em relação à raça. Não consiste em atos evidentes, pois são sutilmente manifestados (ALMEIDA, 2020, p. 39): “é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social”.

O *racismo estrutural* frisa a dimensão do poder como substância criadora das relações raciais, “não tendo somente o poder do indivíduo de uma raça sobre a outra, mas de um grupo sobre o outro” (RIBEIRO, 2020, p.47). Traduz-se no modo desigual em que o Estado oferece saúde, educação, segurança e saneamento básico a uma determinada raça em detrimento da outra, exemplificado pelos excelentes serviços prestados a bairros nobres e insuficientes nas periferias dos grandes centros urbanos.

O *racismo religioso* é a discriminação e a perseguição de religiões que não são eurocêntricas, principalmente as de matrizes africanas. De forma geral, é caracterizado, no Brasil, por preconceito e/ou ato de violência contra integrantes dessas religiões, que podem sofrer com insultos, segregação e repúdio por pessoas de religiões cristãs, como a católica e a evangélica protestante (NOGUEIRA,2020).

O *racismo recreativo* pode ser compreendido pelo uso do estereótipo negativo para a produção de piadas racistas e *brincadeiras*. Por conta das gargalhadas que esse tipo de racismo pode provocar em pessoas desinformadas, que, muitas vezes, encaram como brincadeira sem maiores consequências, mas que não é. Trata-se de uma discriminação racial em que o agressor tenta se eximir da punição alegando ser apenas uma brincadeira (MOREIRA, 2019).

Para Moreira (2019) racistas usam o humor como uma *cortina de fumaça*, para externar seu repúdio aos negros, feito com vocabulários como *negro*, *escuro* e *preto* associados a coisas negativas, ruins, maldosas, ilegais e desagradáveis. “Piadas que retratam a negritude como um conjunto de características esteticamente desagradáveis e como sinal de inferioridade moral não são os únicos temas do humor brasileiro referente aos negros. Há também aquelas que os retratam como animais ou criminosos” (MOREIRA,2019, p12).

Os diversos tipos de racismo inferiorizam os negros de maneira consciente e inconsciente, sendo, na maioria das vezes, sutil, leve e inesperado, de tal forma que o próprio negro não percebe. Quando a vítima percebe o racismo na piada, tende a se sentir desorientada, podendo pensar que aquela atitude ou fala racista não foi por mal ou que não houve intenção de ofender, ou, ainda, se perceber e tentar se defender, pode ser visto como ignorante pelo agressor. Contudo, na maioria das vezes, os negros não se opõem por falta de argumentos ou por medo de (re)afirmar os pensamentos preconceituosos que brancos já possuem (GONZALES, 2021).

O racismo ronda a existência do negro como um fantasma desde o nascimento até os últimos dias de vida. Embora algumas pessoas não o veem não significa que não existe. Está “presente na memória social e atualizado através do preconceito e da discriminação racial, ele é sistematicamente negado, se constituindo num problema social com efeitos drásticos sobre o indivíduo (SOUZA, 2021, p.16).

A fala de Neusa (2021) reflete o sentimento que o negro experimenta desde o nascer, mesmo que ele próprio não perceba. A fala da autora facilita o entendimento de como o racismo é velado no Brasil. Ele o compara a *fantasmas*, devido ao pânico e ao pavor que causa, porém ele é real e está em todos os lugares. O racismo está estruturalmente enraizado no discurso da sociedade, fazendo com que frases, como *a ovelha negra da família, serviço de preto, a coisa está preta, mercado negro*, e ofensas, como *cabelo ruim, cabelo de Bombril, cabelo duro, cabelo de negro quando não está preso está armado* e vários outros ditos populares, sejam utilizados com frequência, evidenciando que vivemos em um país extremamente racista (RIBEIRO, 2023).

Identidade racial e empoderamento negro

Identidade racial ou *étnica* é sentir-se pertencente a um grupo racial ou étnico, consequentemente de construção social, histórica, cultural e política. Sendo assim, tem a ver com a história de vida do indivíduo e a consciência adquirida diante das ordenações sociais, raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura (HALL, 2004). É “como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.” O autor ainda completa: são “processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história” (GOMES, 2003, p. 171).

Gomes (2003) afirma que o cabelo e a pele do negro são fortes marcas identitárias dos negros, que ter identidade negra é ter orgulho de seu fenótipo como um todo, bem como suas reais histórias e cultura negra. Entendemos que, para a construção da identidade negra, é imprescindível o contato com a história e a cultura negra, em uma perspectiva sócio-histórica, na qual o negro não seja colocado como descendente de pessoas que foram escravizadas, mas sim de pessoas que contribuíram para a construção das primeiras civilizações na história da humanidade.

A identidade racial é uma possibilidade que o indivíduo tem para construir suas próprias características, baseadas em seus interesses, transformando as histórias individual, coletiva, social e psicológica de sua etnia (SOUZA, 2021). Já o empoderamento é entendido como um processo de transformação social, que envolve a conscientização e o fortalecimento de pessoas negras para que possam superar as opressões e lutar por seus direitos. Não é apenas um conceito individual, mas também um processo coletivo que envolve a transformação da sociedade como um todo (BERTH, 2019).

Para Berth (2019) o empoderamento é uma busca por igualdade e justiça social, que visa criar espaços de poder e participação para todas as pessoas, independentemente da classe social, gênero, raça ou orientação sexual. Também envolve o reconhecimento das desigualdades e injustiças presentes na sociedade e a busca por meios de resistência e de transformação. É um processo que abrange a valorização da diversidade e a luta contra todas as formas de discriminação e opressão.

Ribeiro (2015) afirma que empoderamento significa se comprometer com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo, mas como essa pessoa se esforça para promover o fortalecimento e ascensão de outras mulheres com o objetivo de promover uma sociedade mais igualitária para as mulheres. A referida autora, reporta empoderamento apenas para a luta da mulher preta por equidade, representatividade, respeito e ascensão social e econômica.

Para as pesquisadoras deste trabalho, o empoderamento negro abrange o povo negro como um todo, pois as vicissitudes que homem e mulher pretos e pardos enfrentam diariamente são semelhantes e ambos os sexos lutam a cada dia para persistir na luta por uma sociedade menos racista. Visto que, o movimento e o empoderamento negro não buscam diminuir ou excluir outras etnias, mas, sim, o reconhecer que existe uma desigualdade histórica até hoje no seio da sociedade e que é preciso que todos trabalhem juntos para alcançar a equidade e a luta por uma sociedade mais inclusiva. Almeja-se que as pessoas, independente de cor e origem étnica, tenham as mesmas oportunidades na vida para ascensão social. Desse modo, fortaleceria a autoestima e a identidade cultural do povo negro (BERTH, 2019).

Sabe-se que a maioria dos povos tem os seus costumes, suas tradições e a sua própria cultura, mas, quando se fala dos ancestrais negros, logo pensa-se em seres humanos que foram escravizados; não se sabe ao certo quais são os costumes e quais etnias cultivavam na África, nem mesmo o país de origem. Com a falta de conhecimento sobre a própria história, automaticamente o negro passa a adotar a cultura que lhe foi e ainda é imposta: a europeia.

O discurso de que vivemos em um país miscigenado e de que a cultura brasileira é a cultura negra não ocupa a lacuna deixada no imaginário do povo negro sobre a cultura de seus ancestrais. A representatividade e o destaque que se dá a costumes, comida, religião, linguagem e demais elementos da cultura europeia, de certa forma, sufoca a história de um povo que está nos livros didáticos como pessoas subjugadas, oprimidas e humilhadas. Todo esse cenário afeta negativamente a autoestima do negro, como afirma Hall (2006).

A falta de conhecimento da própria história e pouca representatividade de negros em espaços de poder afetam a psique do povo negro. O racismo instiga o negro a “desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal” (SOUZA, 2021, p.29). Por este prisma, se explica o fato de negros tentarem mudar seu fenótipo para se assemelhar ao branco e ser aceito em sociedade.

Ser negro no Brasil é ir além de ter a pele negra. De acordo com Souza (2021), é preciso que o indivíduo *se torne negro* na perspectiva de saber sua real história e que tenha ânsia de protagonizar, no presente e no futuro, luta e êxito no âmbito educacional, social, e econômico, para que possa ter representantes no judiciário, legislativo e demais lugares de poder. Dessa forma, será possível conquistar equidade, representatividade, respeito e orgulho de pertencer ao povo negro, e, nesse paradigma, construir uma identidade negra pode ser equiparado a ter empoderamento negro.

METODOLOGIA

A escolha da metodologia depende do resultado esperado e da problemática que se quer abordar. “Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa”, como afirma Gil (2002, p.164). Deste modo, optamos pela pesquisa de opinião. Esta tipologia de pesquisa procura descobrir as atitudes, os pensamentos e as preferências das pessoas a respeito de algum assunto, com o objetivo de tomar decisões. Esta modalidade visa descobrir tendências, reconhecer interesses, dentre outros comportamentos (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

Diante do exposto, foi feita uma pesquisa do tipo opinião para analisar as percepções de acadêmicos negros em relação a racismo, identidade racial e empoderamento negro. Os participantes foram os graduandos do curso de Pedagogia de uma instituição pública municipal e gratuita do interior do estado do Espírito Santo. Coletou-se informações de estudantes que estavam devidamente matriculados e frequentando o curso, que é ofertado nos turnos matutino, vespertino e noturno. A cidade onde a pesquisa se desenvolveu é o município de Linhares. Está localizada no litoral do estado do Espírito Santo, ao norte, em relação à cidade capital, Vitória. Ocupa uma área de 3 496,263 km², sendo que 39 km² estão em perímetro urbano. Sua população, em 2021, era de aproximadamente 179 755 habitantes (IBGE,2021).

O *instrumento de coleta* de dados foi um *questionário* eletrônico construído na plataforma digital *google forms*, com o total de 28 questões destinadas aos universitários pretos e pardos. Na página inicial, colocou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelos quais os respondentes foram informados sobre objetivo e justificativa do estudo, bem como benefícios e riscos de aceitar participar da pesquisa. Foram informados que a identificação seria totalmente preservada e caso quisessem, poderiam solicitar a exclusão de suas respostas nos dados da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo.

Os itens do questionário foram objetivos e discursivos, a saber: questões socioeconômicas e perfil dos universitários (10 itens); opiniões sobre racismo, identidade racial e empoderamento negro (11 itens); o modo como o estudante relacionou a Lei 11.645/08 com o currículo do curso (06 itens); as perspectivas que o estudante tem perante ao exercício da educação antirracista (01 item). O formulário ficou aberto do dia 01 a 15 de maio de 2023, e para otimizar a coleta de dados foi feita a divulgação do *link* do questionário a todos os líderes do curso para que encaminhassem aos demais acadêmicos de suas respectivas turmas via WhatsApp.

Outra técnica escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi a *observação participante*, que está voltada para a percepção do ambiente com a técnica de observação. Como duas pesquisadoras estavam no 8º período do curso, a observação delas foi importante, visto que a observação participante faz com que o pesquisador não seja, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados à distância (QUEIROZ, *et al.* 2007).

Para a *análise dos dados*, optou-se por reunir alguns itens objetivos em parágrafos descritivos e porcentagens das respostas, visando facilitar o tratamento das informações obtidas. Para os itens discursivos, alguns também foram unificados, dando ênfase para o tratamento qualitativo sobre o quantitativo, categorizados de acordo com o método de Bardin (2011), exposto em forma de tabelas, para melhor apresentação dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o questionário, foram obtidas 36 respostas, porém apenas 19 foram consideradas, por tratarem-se de respostas de pretos e pardos. Apesar da pesquisa ter sido direcionada aos negros, é surpreendente constatar que 44,4% dos respondentes foram pessoas brancas. O fato de termos um expressivo número de acadêmicos brancos interessados no assunto pode estar relacionado ao fato de que muitos pardos se identificam como brancos ou se consideram brancos perante seus genitores negros – confusão atribuída ao colorismo.

Colorismo refere-se às diversas tonalidades de pele dentro de um mesmo grupo étnico ou racial, como negros de pele clara e negros de pele escura. Tais diferenças podem afetar o modo como as pessoas são tratadas e são percebidas pela sociedade, visto que quanto menos melanina a pele tem, menos racismo o indivíduo tende a sofrer (DEVULSKY, 2021).

Assim, a valorização da pele branca pode induzir pardos a uma identificação mais próxima com esse grupo racial, embora não pertençam a ele. Quando o indivíduo faz uma autoidentificação racial que não corresponde ao seu verdadeiro fenótipo, isso pode ocorrer por diferentes motivos, dentre eles: a internalização de estereótipos negativos associados às peles preta e parda; a busca por aceitação ou pertencimento em um grupo social valorizado, como a branquitude; a influência da região em que a pessoa se encontra e os tons de peles considerados como brancos ou negros como afirma Devulsky (2021).

Quanto aos 19 respondentes, constatou-se que 95% dos participantes são do sexo feminino. Os 5% correspondentes ao sexo masculino é justificável pelo fato de predominar mulheres no curso. Os participantes pertencem a 1º, 3º, 6º, 7º e 8º períodos. Não foram obtidas respostas dos 2º e 5º períodos. A maioria dos respondentes são do 8º período de Pedagogia e estão na faixa etária de 18 a 33 anos e revela um público composto predominantemente por adultos jovens.

Quanto à educação básica, 95% dos participantes frequentaram escolas públicas. A grande maioria (95%) está cursando sua primeira graduação, e só uma pessoa já possui uma graduação completa, na área da saúde. A renda familiar bruta da maioria dos participantes é de um até dois salários mínimos, indicando que os participantes se encontram em uma faixa de renda que pode variar entre extrema pobreza (dependendo do número de pessoas na casa) a classe média.

Diante do perfil dos candidatos, pode-se perceber que são jovens que lutam para obter a primeira graduação. Talvez sejam os primeiros da família a frequentar um curso superior e ter a oportunidade de adquirir mais conhecimentos sociais, científicos e tecnológicos. Perante a renda deles antes da graduação, o curso poderá favorecer a ascensão social deles, visto que, na cidade, há constante procura por pedagogos para atuar na área da educação. Desse modo, se estes futuros pedagogos obtiverem empoderamento negro no decorrer do curso, poderão servir de mola propulsora para atrair mais pretos e pardos para o ensino superior, afinal, como afirma Ribeiro (2019), é necessário que o negro que conseguiu ascender facilite para que outro ascenda, caso contrário, estará contribuindo para a manutenção do racismo estrutural.

Na sequência, analisou-se os itens sobre identidade racial e empoderamento, dos quais obteve-se os seguintes dados: 55% dos universitários responderam que não prefeririam ser brancos, enquanto 45% responderam que sim. Essa informação nos desperta atenção para entender a falta de aceitação da cor da pele por parte de uma considerável parcela (45%) dos participantes: falta de argumento para pertencer a etnia negra e, portanto, falta de empoderamento negro.

É importante investigar os motivos que levam à preferência ou à falta de aceitação do próprio fenótipo. Com vistas a isso, foi-lhes questionado se já sofreram prejuízos na vida social devido à cor da pele e cerca de 70% dos universitários responderam que sim, ou seja, já sofreram desvantagens por serem negros. Esse dado ajuda a entender porquê 45% dos participantes prefeririam ser brancos, pode ser que essa preferência esteja atrelada à experiências de racismo ou outras formas de discriminação.

Dos entrevistados, 100% responderam que não conhecem ou não têm contato com o movimento negro. Isso chama a atenção para a falta de exposição a aspectos da cultura afro-brasileira no Estado e no município de Linhares (ES). A falta de representatividade pode impactar a construção da identidade racial e o potencial empoderamento dos participantes. Pensando bem, com base em Hall (2006), a falta de reconhecimento como um indivíduo negro, com uma história própria, pode influenciar na autoconfiança e na autoestima dessas pessoas.

Questionou-se aos participantes se eles são autoconfiantes e cerca de 60% declararam que não. Isso se explica pela lacuna na construção histórica em relação ao seu verdadeiro lugar

no mundo e suas origens. A ausência de uma conexão com cultura e movimento afrodescendente também pode influenciar negativamente a autoconfiança e a construção de uma identidade racial forte, como aponta Hall (2006). Em consequência, o indivíduo que não tem sentimento de pertença a sua etnia negra, também não tem empoderamento negro.

Quanto à beleza, cerca de 75% dos universitários consideram-se bonitos. Esse dado é relevante para entender que, dentro de seus grupos sociais, eles conseguem se amar e se sentir bonitos. Todavia, é relevante o fato de 25% não se considerar belo, o que demonstra autoestima baixa. Ademais, dependendo do contexto e do espaço em que estão inseridos, a autoconfiança de todos pode ser afetada, sobretudo daqueles que não se consideram belos.

A fragilidade na aceitação do próprio fenótipo tem a ver com as lutas antirracistas (conscientes ou inconscientes) enfrentadas no convívio social, no decorrer da vida, visto que a falta de representatividade em diversos setores sociais, principalmente os de poder e riqueza, levam a diminuição da autoestima em relação à sua imagem, como afirma Souza (2021). As observações iniciais fornecem percepções importantes para entender as dinâmicas relacionadas à identidade racial, ao empoderamento e à autoconfiança dos universitários. Para uma análise mais aprofundada, serão consideradas outras variáveis, com as questões abertas, para o melhor entendimento acerca da temática. Na tabela 01, pode-se perceber que, em relação ao conceito de racismo, 79% das pessoas não souberam defini-lo. Forneceram respostas simples ao afirmar que racismo está voltado somente para discriminação da cor da pele negra e/ou etnia. Logo, podemos considerar que este quantitativo é preocupante, visto que a maioria dos respondentes já estão no último período do curso. Houve somente 4 respostas fundamentadas acerca do real significado da palavra racismo, correspondendo a 21% dos participantes.

Tabela 01 - A opinião dos graduados sobre o conceito de racismo.

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Respostas não-fundamentadas sobre o racismo	15 (79%)	Discriminação pela cor da pele.	“Preconceito devido à etnia ou cor.” “É um julgamento preconceituoso simplesmente por causa da cor de pele de uma pessoa.”
Respostas fundamentadas sobre o racismo	4 (21%)	O racismo está relacionado a raça e etnia e a discriminar pessoas devido sua raça e suas origens.	“O racismo é a discriminação e exclusão de pessoas com base em sua raça ou etnia, e é um problema individual e estrutural que afeta a sociedade em diferentes contextos históricos e culturais. É necessário promover a igualdade e a justiça para todas as pessoas, independentemente de sua raça ou etnia, por meio de conscientização, educação e políticas antidiscriminatórias.”
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Com isso, pensa-se que os participantes podem ter dificuldade de identificar casos racistas no cotidiano, pois, se a maioria dos participantes não sabe o conceito propriamente dito da palavra racismo, como saberiam ou saberão identificar ações racistas no dia a dia? Os dados induzem a pensar que 79% dos participantes já sofreram casos de racismo e não perceberam, ou que podem sofrer, visto que a falta de conhecimento no assunto, como afirma Souza (2021), implica diretamente na capacidade de perceber e intervir em situações de racismo devido à dificuldade de identificar o crime racial no convívio em sociedade.

Diante da pergunta sobre sofrer algum ato racista no interior da Faculdade, percebe-se, na tabela 02, que 13 alunos (68%), alegaram não ter sofrido nenhum ato racista no interior da instituição, porém 6 alunos (32%) disseram que sim, que já vivenciaram atos racistas. Como 32% afirmam ter sido vítimas de racismo na Faculdade, certamente os outros 68% também podem ter sido, mas não se deram conta disso, fato que colabora de modo indireto para a naturalização do racismo, devido ao negro não perceber que está sendo vítima de crime racial. Como afirma Ribeiro (2019), é preciso que as pessoas, principalmente os negros, saibam identificar casos de racismo, mesmo os mais sutis, para que possam coibir estes crimes na sociedade.

Tabela 02 - Já sofreu algum ato de racismo no interior da Faculdade?

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não sofreu racismo dentro da Faculdade.	13 (68%)	Não	Não
Já sofreu racismo dentro da Faculdade.	6 (32%)	Ambiente escolar e a forma de são vistos por alguns indivíduos da sociedade.	<p>“Sim. Já mudaram de sala por minha cor, já levei vários foras por não ser o "tipo" da pessoa.”</p> <p>“Sim. Fui julgado pelo meu cabelo com olhares e palavras rudes, perseguida no supermercado, mal atendida em lojas dentre outros.”</p>
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Além disso, pode ser que os 6 universitários que sofreram racismo sejam também os mesmos participantes que, na tabela 01, souberam o real conceito da palavra racismo e, por conseguinte, souberam identificar os casos de racismo. Eles têm lugar de fala, como disse Ribeiro (2017), pois aqueles que sentem o racismo sabem o mal-estar que causa e exercem luta para erradicá-lo ao seu redor.

Diante da pergunta sobre os integrantes já terem sofrido algum ato racista no exterior da Faculdade, a tabela 03 constata que 11 alunos (58%) afirmam não ter sofrido e 8 alunos (42%) alegaram já ter sofrido. A porcentagem de alunos que alegaram nunca ter sofrido racismo no exterior da Faculdade é quase a mesma da porcentagem da tabela 02, em que a maioria alega nunca ter sofrido racismo no interior da instituição. Os dados induzem a pensar que 58% nunca sofreu racismo, todavia, com base em dados e análises anteriores, esse quantitativo só reafirma a dedução de que, na verdade, eles não se deram conta de que já foram vítimas de racismo. Afinal, como afirma Souza (2021) e Ribeiro (2019), muitos negros sofrem racismo e não percebem por naturalizam as muitas falas e atitudes racistas.

Tabela 03 - Sofreu algum ato de racismo no exterior da Faculdade?

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não sofreu racismo fora da Faculdade	11 (58%)	Não	<p>“Não. Nunca permiti que me humilhasse, sempre soube me defender, e isso me ajudou a não ter problemas psicológicos”.</p> <p>“Ainda não.”</p>

Cont.

Cont.

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Já sofreu racismo fora da Faculdade	8 (42%)	Aparência física e vestimentas	“Sim, já fui colocada como uma pessoa pedinte, por causa da minha cor e da minha roupa, estava com roupa de lazer.” “Sim, ouvi piadinhas por meu cabelo ser crespo, um grupo de amigas meu, juntamente comigo, fomos chamadas de pretas”.
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Diante da pergunta “o que é identidade racial?”, na tabela 04, observa-se que dois alunos (11%) não souberam responder, enquanto 13 alunos (68%) expressaram suas opiniões. Nas respostas, afirmaram que identidade consiste em se autodeclarar negro — embora a identidade racial vá para além disso. Percebe-se que, se a maioria dos integrantes da pesquisa tem uma ideia errada do que é identidade racial, provavelmente não sabem o que é, aumentando o percentual de alunos que não têm conhecimento do assunto. Só 4 pessoas (19%) souberam explicar o que é identidade racial, provavelmente por terem conhecimento maior sobre o assunto e, talvez, terem participado de ações antirracistas que ocorreram na Faculdade durante os 4 anos de graduação.

Tabela 04 - Em sua opinião, o que é identidade racial?

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não sabe o que é identidade racial	2 (11%)	Não soube explicar o que é.	“Não sei dizer ao certo, perdoo-me.” “Não sei.”
Respostas não-fundamentada sobre identidade racial	13 (68%)	Se autodeclarar preto(a) ou pardo(a), ou ser reconhecer em um grupo.	“Reconhecer ou se auto declarar à uma determinada raça.” “e como a pessoa se identifica nos grupos como o grupo racial.”
Respostas fundamentada sobre identidade racial	4 (21%)	Ter a criticidade para mudar ao seu redor por meio da construção social, cultural e política.	“Identidade racial é a forma como um indivíduo se identifica em relação à sua raça ou etnia e como isso influencia sua interação com o mundo e as pessoas ao seu redor. É importante valorizar e respeitar a diversidade étnica para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.” “É vc se sentir pertencido a sua raça. Vc se identificar com os seus traços, suas características e saber que vc pertence aquela raça em específico e vc se aceita.”
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

A Faculdade, desde 2018, tem feito projetos, fóruns, palestras e cursos antirracistas visando o empoderamento negro. Além do mais, alguns professores promovem práticas antirracistas descritas e exercidas em seu plano de ensino. Portanto, o fato de 15 acadêmicos (79%) não terem sabido responder satisfatoriamente o que é identidade racial, pode ser por não terem se envolvido nas formações ofertadas pela instituição, ou porque participaram sem dar o devido valor à temática, ou seja, podem ter participado sem absorver o assunto para ressignificar suas vidas.

Contudo, os 79% que demonstram não saber o que é identidade racial, não podem ser considerados como o todo do curso, pois dois períodos não responderam ao questionário. Ademais, pode ser que haja negros que saibam o que são racismo, identidade racial e empoderamento negro e que não responderam o questionário devido à falta de informação sobre a pesquisa (mesmo recebendo o convite pelo grupo de WhatsApp da turma) ou pelo comodismo de não pararem suas atividades acadêmicas por alguns minutos para participar da pesquisa.

Na tabela 05, 2 alunos (11%) não souberam o que é empoderamento negro. Porém, dos 12 alunos (63%), que deram suas opiniões acerca do que é empoderamento negro tiveram um discurso não fundamentado na literatura étnico-racial. Grande parte dos participantes pensam que a questão empoderamento está relacionada ao *colorismo*, ao ter orgulho da tez negra. Só 5 alunos (26%) souberam realmente explicar o que é empoderamento negro, dado preocupante, visto que são negros e, até o encerramento desta pesquisa, tinham pouco conhecimento sobre o assunto em questão.

Tabela 05 - Empoderamento negro.

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não sabe o que é empoderamento negro	2 (11%)	Não soube explicar o que é.	<p>“Não sei dizer ao certo, perdoe-me.”</p> <p>“É muito controverso essa pergunta para mim. acredito na vitória e empoderamento de quem luta independente da cor.</p> <p>Mas já existe um discurso pronto: tipo eu mulher negra, podre, periférica venci estou aqui, no sentido de que por ser negra o mérito delas é maior por vencer.”</p>
Respostas não fundamentadas sobre empoderamento negro	12 (63%)	Ter orgulho da sua cor de pele.	<p>“Reconhecer que preto é como qualquer outra cor, capaz!”</p> <p>“É ter Orgulho da cor da pele, do cabelo, da cultura, das origens.”</p>
Respostas fundamentada sobre empoderamento negro	5 (26%)	O fortalecimento de pessoas negras na busca por direitos coletivos.	<p>“Empoderamento negro para mim é os negros terem lugares onde não tinham antes, na política, na economia em lugares de destaques.”</p> <p>“empoderamento negro é o processo de fortalecimento da identidade e representação da comunidade negra, visando superar discriminações históricas e estruturais. Ele busca promover visibilidade, diálogo, autoestima e igualdade étnica na sociedade.”</p>
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Diante dos dados, é percebido que, embora a Faculdade exerça a Lei 11.645/08 no currículo formal e real do curso, ainda é modesta a quantidade de Pedagogos conscientes de seu

papel como educadores antirracistas, sobretudo os pedagogos pretos. Não obstante, é necessário que continuem sendo ofertadas formações etnicorraciais na Faculdade para que mais alunos possam ser convidados a pensar sobre o racismo e as desigualdades étnico racial e social de nosso país. A tabela 06 apresenta a porcentagem dos alunos que tiveram contato com a literatura afro-brasileira durante o percurso na Faculdade. 7 alunos (37%) disseram ainda não ter contato com a literatura, alguns relataram que tiveram somente falas da história africana. Pode ser que os participantes pertencentes aos 63% (12 alunos) que alegaram ter visto, mas não se recordarem dos estudos etnicorraciais, não perceberam que não empregaram a devida atenção por não se atentarem para a importância da temática.

Tabela 06 - Você teve contato com a literatura afro-brasileira?

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não teve contato com literatura negra	7 (37%)	Não	“Ainda não.” “Não me recordo, falar da história africana para mim não é literatura afro.”
Já teve contato com literatura negra	12 (63%)	Teve pouco contato durante o curso e não se recordam.	“Sim mas não me recordo pois foi no segundo período.” “Sim, foi edificante, pois não tive contato anteriormente.”
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Consideramos como agravante uma parcela dos 12 alunos (63%) alegar que já teve contato com a literatura afro-brasileira durante o curso e *não recordar muito bem* o que foi discutido durante as aulas. Como poderão arguir contra o racismo se faltam argumentos teóricos para elucidar o assunto? Ainda, os 2 alunos que disseram “não” podem ser do 1º período do curso, visto que as disciplinas que mais abordam o assunto são ofertadas a partir do 4º período.

Contudo, esse dado, diante de alguns respondentes não se recordarem da temática, serve de indicativo para que o corpo docente do curso repense práticas de ensino e o próprio discurso. Diariamente a mídia e os indicadores sociais apontam casos de racismo na sociedade brasileira, fatos que mostram a necessidade gritante de dialogar sobre o assunto em todos os componentes curriculares do curso no decorrer de cada semestre. Na tabela 08, foi perguntado se os respondentes tiveram oportunidade de ler obras de autores negros: 13 alunos (68%), afirmaram que não e 6 (32%) alegaram que sim. Dos que responderam positivamente, informaram ter lido obras de autores negros, como Machado de Assis, que, embora fosse negro não aceitava a sua cor, e foi acusado de empenhar-se no seu próprio branqueamento, como afirma Schneider (2018).

Tabela 08- Você já leu autores negros durante o curso de Pedagogia?

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não leu livros escrito por negros.	13 (68%)	Não	“Não.” “Porém ainda não li.”
Já leu livros escrito por negros.	6 (32%)	Sim	“Machado de Assis.” “Monteiro Lobato.”
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Um dos respondentes que afirmou ter lido livros de autores negros foi um tanto controverso, pois um exemplo dos autores que disse ser negro, o Monteiro Lobato, era um autor branco e muito racista, como afirma Mota e Marinho (2013). Tais dados evidenciam o quanto a maioria dos participantes sabe pouco em relação as obras literárias de autores negros.

Na tabela 09, a qual sistematiza as respostas sobre o conhecimento das leis 10.639/03 e 11.645/08, 12 alunos (63%) alegaram não saber do que essas respectivas leis representavam e 7 alunos (37%) alegaram ter ciência. Sendo assim, observa-se que as leis que se tornaram um marco para a história afro-brasileira, e que foram criadas para combater a discriminação e o racismo na educação, são desconhecidas pela maioria dos participantes. Eles não sabem o teor e a importância para a história afro-brasileira.

Tabela 09- Conhecimento sobre o teor da Lei 10.639/03 e/ou a 11.645/08.

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não conhece as Leis etnicorraciais	12 (63%)	Não	“Não sei.”
Conhece as Leis etnicorraciais	7 (37%)	Sim	“A Lei 10.639/03, essa lei é considerada um marco na educação brasileira, pois ela tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, além de colocar o Dia da Consciência Negra como data prevista no calendário escolar.” “Sim, eu conheço essas leis. A Lei 10.639/03 determina a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio, incluindo a conscientização sobre a contribuição da África para a formação da sociedade brasileira e o combate ao preconceito e discriminação racial. Já a Lei 11.645/08 amplia essa obrigatoriedade para o ensino de História e Cultura Indígena, reconhecendo a diversidade étnico-cultural presente no país e buscando a promoção do respeito à pluralidade cultural e étnica.”
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Os dados analisados no parágrafo anterior são alarmantes, pois como poderão, os participantes, ser pedagogos decoloniais se desconhecem as leis que orientam práticas educativas antirracistas? É importante que os futuros pedagogos tenham mais conhecimento acerca dessas leis, pois, a partir da implementação eficiente, é que será possível ter um futuro diferente do presente.

Hall (2006) reforça essa ideia ao apontar que a identidade é formada e transformada constantemente de acordo com formas pelas quais o indivíduo é representado ou questionados pelos sistemas culturais que o rodeiam, principalmente na educação.

Tabela 10 - A importância de falar sobre racismo, antirracismo e empoderamento negro na rede de Educação Básica.

Categoria	Unidade de Frequência (%)	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	<i>Universitário</i>		
Não acredita ser importante exercer educação antirracista	1 (5%)	-	-
Acredita ser importante exercer educação antirracista frequentemente	13 (69%)	Sim	<p>“Sim, não apenas nos dias da Conscientização negra, mas ser falado em vários momentos”.</p> <p>“A abordagem desses temas deve ser frequente e contextualizada, de forma a relacioná-los com a realidade dos alunos. Isso pode ser feito por meio de diferentes metodologias, como debates, leituras, análises de notícias e outras atividades educativas. Além disso, o empoderamento negro é um tema importante, que mostra a importância da valorização da própria cultura e história. Com isso, contribui-se para o fortalecimento e a valorização da identidade negra em nossa sociedade.”</p>
Acredita ser importante exercer educação antirracista em momentos pontuais	5 (26%)	Palestras, trabalhos e movimento de conscientização.	<p>“Sim, dependendo da etapa de ensino com palestras e trabalhos.”</p> <p>“Sim. Por meio de campanhas, trabalhos, movimentos de conscientização.”</p>
Total	19		

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Na última questão do questionário foi perguntado se os participantes pensavam ser importante falar sobre racismo, antirracismo e empoderamento negro na educação básica, e, para a surpresa das pesquisadoras, 1 participante (5%) respondeu que não vê necessidade. Todavia, 13 (69%) participantes responderam que sim, e que falar sobre esses assuntos é de grande importância para a valorização da identidade negra na sociedade. Completaram respondendo que é necessário a implementação desses temas de modo frequente.

Ainda na tabela 10, 5 (26%) acreditam que falar sobre racismo, antirracismo e empoderamento negro na educação básica é importante, porém em momentos pontuais, como palestras trabalhos e campanhas. Grande parte dos participantes tem pensamento positivo em relação à importância de falar sobre o racismo na educação básica, porém alguns acreditam que falar desses pontos em dias específicos, como consciência negra e em palestras durante o ano letivo, seja suficiente.

Quanto ao indivíduo negro que afirmou não ser necessário abordar racismo, antirracismo e empoderamento negro na educação básica, pode ser uma pessoa que se encaixe no perfil de *negro evoluído*, que, segundo Fanon (2008), é o negro que tem a autoestima tão baixa a ponto de depreciar a si e aos indivíduos pertencentes a sua etnia. Então, imitam o discurso, as atitudes e até o próprio fenótipo para ser parecido com os brancos, na tentativa de ser aceito ou respeitados por eles.

Para Fanon (2008), os *negros evoluídos* ignoram o racismo, apoiam falas racistas e reproduzem o racismo para tentarem ser aceitos pelo grupo social que admira ou convive. São

indivíduos que sofreram racismo no decorrer da vida e não souberam lidar com o mal-estar causado por esse crime, optando por anular-se ao invés de retrucar e desmitificar os discursos de ódio e repúdio à raça.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi alcançado o objetivo de identificar e analisar a opinião dos futuros pedagogos acerca de racismo, identidade racial e empoderamento negro. Pelos dados obtidos, apenas uma parcela dos negros matriculados e frequentadores do curso teve interesse em participar, e, desses participantes, revelou-se que falta conhecimento e compreensão sobre as questões raciais. O fato de que 79% dos entrevistados não soube definir corretamente o conceito de racismo é alarmante, visto que havia vários acadêmicos do último período de Pedagogia, o que evidencia uma insuficiência educacional em relação a um tema tão relevante. A falta de compreensão do conceito de racismo também levanta questionamentos sobre a capacidade dos participantes para identificar e combater ações racistas no cotidiano. Afinal, se a maioria não compreende adequadamente o que é o racismo, é provável que não estejam preparados para reconhecer práticas discriminatórias e agir contra elas.

A falta de conhecimento sobre identidade racial, empoderamento negro e literatura étnico-racial por parte da maioria dos participantes indica a necessidade da continuidade de formação antirracista na Faculdade. Assim como em outros cursos de licenciatura, é por meio da sensibilização que se pode promover uma compreensão mais ampla e precisa sobre a história, a cultura e as lutas dos negros no Brasil. A escassez de leituras de obras de autores negros durante o curso também é um indicativo de deficiências na formação dos participantes. A literatura afro-brasileira, ou étnico-racial, desempenha papel crucial para representação e valorização da cultura negra, mas, no grupo analisado, a maioria afirmou não ler tais obras. Essa lacuna evidencia a importância de incluir uma variedade de vozes e perspectivas na formação acadêmica a fim de promover uma educação mais inclusiva e diversa.

Por fim, a falta de conhecimento sobre leis importantes para a história afro-brasileira, ressalta a necessidade de aprimorar o conhecimento sobre direitos e história dos afrodescendentes no país, sobretudo nesse e em outros cursos de Licenciatura. As leis representam marcos legais para a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo. Ficou evidente que há um longo caminho a percorrer para a promoção da educação antirracista e para a conscientização sobre a história e a cultura afro-brasileira na faculdade em que foi realizada a pesquisa e em outras do Brasil. Acredita-se que esse não é um caso isolado, é possível que outras instituições tenham negros não empoderados, e, pior, pedagogos e demais licenciados de várias etnias que são leigos em relação a temática étnico-racial. Diante dos resultados, concluímos que é fundamental investir em programas educacionais inclusivos, formação de professores e currículos que valorizem a diversidade e combatam o racismo, projetos institucionais de extensão, seminários, fóruns e demais atividades acadêmicas para discutir o racismo e suas consequências em todas as licenciaturas do país. Essas ações irão preparar profissionais da educação para o exercício de práticas educativas etnicorraciais e, sobretudo, construir uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, L. S. Machado de Assis e Silvio Romero: escravismo, “raça” e cientificismo em tempos de campanha abolicionista (década de 1880) *Artigo Almanak*, abril 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-463320181810>.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. Silvio Luiz de Almeida. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições. 70 2011.

DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021, p. 223.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GONZALEZ, L. **Relações étnico-raciais e lugares de re-existências**. Universidade Federal da Paraíba, 2021, e-book, Disponível em: https://www.mawell.vrac.puc-rio.br/7183/7183_3.PDF. Acesso: 11 fev. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **A questão multicultural**. In. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2017.

IBGE- – **Instituto brasileiro de geografia e estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/pesquisa/23/25888>. Acesso em 16 maio 2023.

IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil** - Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101681>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOTA, A.; MARINHO; M. G. S. M.C. [Orgs.]. **Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades**. São Paulo: CD.G CASA DE SOLUÇÕES E EDITORA, 2013. 360p. (Coleção Medicina, Saúde e História).

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020, 160 pp. (Coleção Feminismos Plurais).

QUEIROZ, D. T. *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, v. 15(2), p. 276-283, abr./jun. 2007.

RAMOS, L. **Na minha pele.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

RIBEIRO, D. O empoderamento necessário. **Portal geledés**, 31 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, S. 13 expressões racistas que precisam sair do seu vocabulário. **Portal geledés**, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/13-expressoes-racistas-que-precisam-sair-do-seu-vocabulario/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

RIBEIRO, A. L. R. Custódio. **Racismo estrutural e aquisição da propriedade.** Editora contracorrente, São Paulo, 2020.

SCHNEIDER; A. L. Machado de Assis e Silvio Romero: escravismo, “raça” e cientificismo em tempos de campanha abolicionista (década de 1880). **Artigo Almanak**, n. 18 p. 451-488, Abr. 2018.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Santos Souza; Prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa. -red.-Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Publicado em 18/12/2023.